

PERMANÊNCIAS DO PLANO AGACHE

Discussão, formação e prática da disciplina de Urbanismo no Rio de Janeiro (1927-1945)

Parte considerável da pesquisa foi baseada em amplo levantamento iconográfico. As imagens elucidaram sobretudo como as quadras do Castelo foram evoluindo ao longo das décadas de 1930-1940, de modo que observamos, apesar da revogação do plano em 1936, o progressivo avanço de construções em observância com os parâmetros estabelecidos por Agache. Abaixo: (1) Foto aérea do Centro, Museu Aeroespacial, início da década de 1930; (2) Foto aérea do Centro, Museu Aeroespacial, 1938; (3) Avenida Beira Mar, acervo do IBGE, final da década de 1940.



ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

O escopo deste trabalho, fruto de inquietações oriundas da prática de projeto urbano acadêmico na área central do Rio de Janeiro, é investigar como os princípios e diretrizes propostos por Alfred Agache perpassaram a produção urbanística carioca nos anos subsequentes à publicação de seu trabalho em 1930, que apresenta uma carga teórica significativa, bem como explicitar a sua contribuição para a própria construção da ideia de disciplina no Rio de Janeiro. Não quero dizer com isso que Agache e seu plano são pouco estudados – pelo contrário. Não obstante, o levantamento bibliográfico me mostrou que a maioria dos trabalhos partem da perspectiva de completa oposição entre Agache e seus contemporâneos, notadamente os modernistas, apoiando-se amplamente nessa questão para explicar a aplicação fragmentada e restrita do Plano da região do Castelo. Por mais que em algum momento de fato a oposição e o declínio do projeto tenham ocorrido, acredito que esses fatos não são nem suficientes nem satisfatórios para elucidar as complexas relações estabelecidas entre esses personagens no final da República do Café com Leite, Era Vargas e Estado Nova, período de várias mudanças de mentalidade, culturais e políticas. Igualmente instigante foi perceber o quase unânime reconhecimento acadêmico do Plano como importante influência do planejamento urbano carioca e, em última instância, nacional, e porém, poucas pesquisas que investiguem a natureza dessas influências. Por isso, decidi direcionar esta monografia no sentido de satisfazer essas inquietações.

A pesquisa se apoiou na investigação das permanências de caráter teórico-metodológico e morfológico em outros projetos urbanos da época, baseando-se em mais de mil recortes de jornais, ampla iconografia fotográfica e cartográfica, bem como vários projetos do período compreendido entre 1927 a 1945. A análise do material nos faz compreender que a figura do urbanista francês atuou como agente catalisador das discussões urbanísticas que já ocorriam, consolidando-as de maneira acadêmica, e revela que os princípios por ele defendidos apresentam influência no repertório projetual da época muito maior do que a historiografia tradicional costuma propor.



O trabalho explora experimentações arquitetônicas na Esplanada do Castelo. Uma delas é o prédio sede da Academia Brasileira de Imprensa, oriundo de concurso de ideias, a qual, apesar de se apresentar como uma edificação modernista, possui os elementos mais caros ao Plano Agache, como escalonamento e galerias. Projetos de Niemeyer e Saturnino de Sá (1), Vasconcelos e Moreira (2), primeiro projeto dos Irmãos Roberto (3) e projeto construído dos Irmãos Roberto (4).

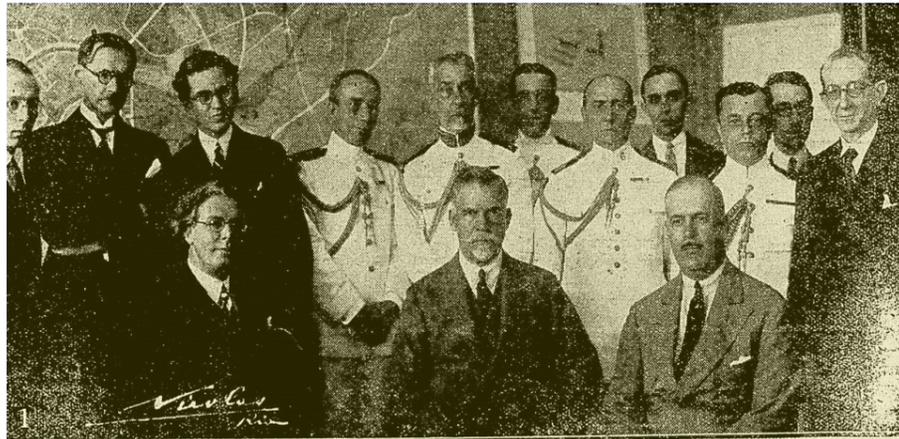
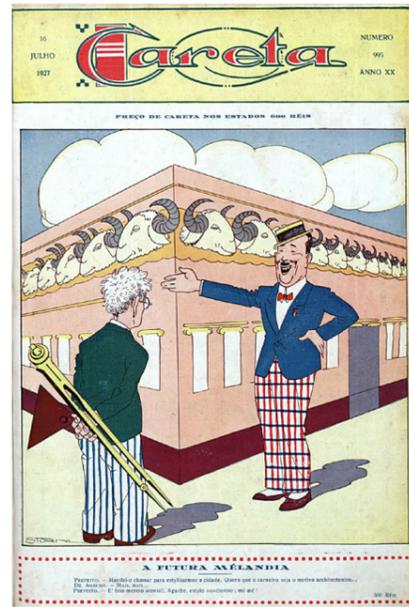
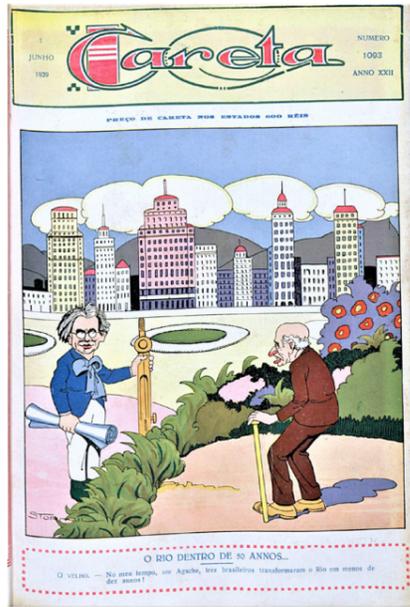


370

PRÊMIO
ARQUITETO
DO AMANHÃ
IAB-RJ 2020

RUMO AO
CENTENÁRIO





Várias foram as discussões no agitado período entre 1927-1930. O projeto, acompanhado de perto pela Administração Municipal (figura 1 - fonte: O Paiz, 1928), foi objeto de charges e sátiras (figuras acima), seja pela política de remoções de favelados (figura 2 - fonte: Careta, 1928), seja pela falta de transparência (figura 3 - fonte: O Paiz, 1928), seja pela pressão imobiliária para adoção das tipologias de arranha-céus (montagem abaixo, elaborada pelo autor), seja pela acusação de plágio.

*Seu Agache, arrase morros,
Ruas rasgue, aterre charcos,
Faça jardins e repuxos.
Mas não me toque nos Arcos.*

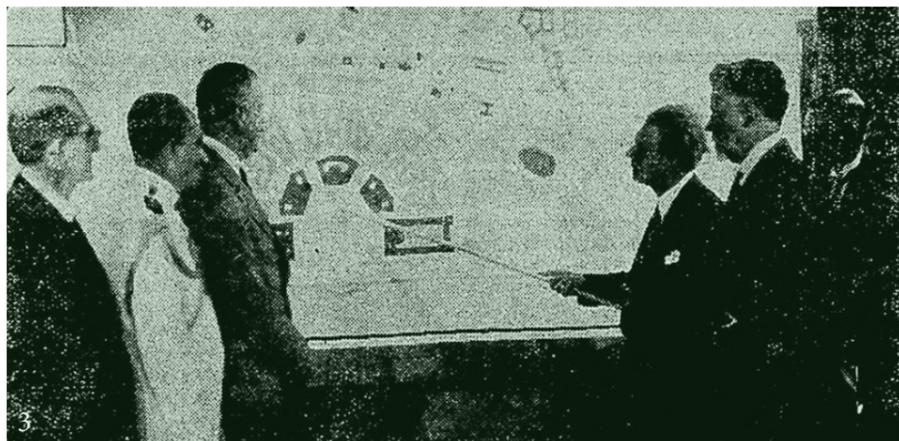
Caretta, 1928.

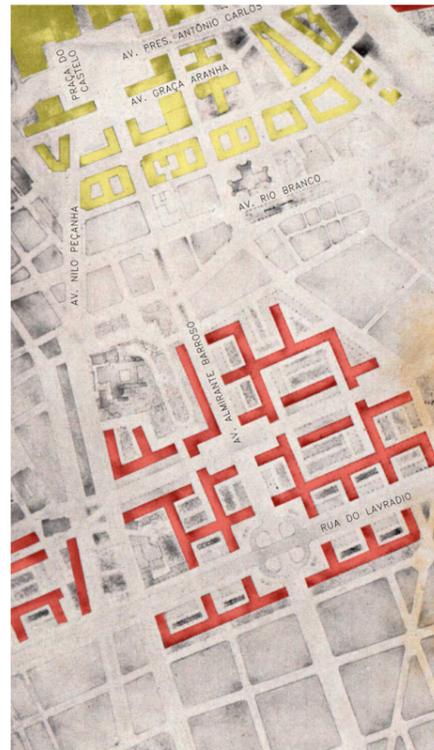
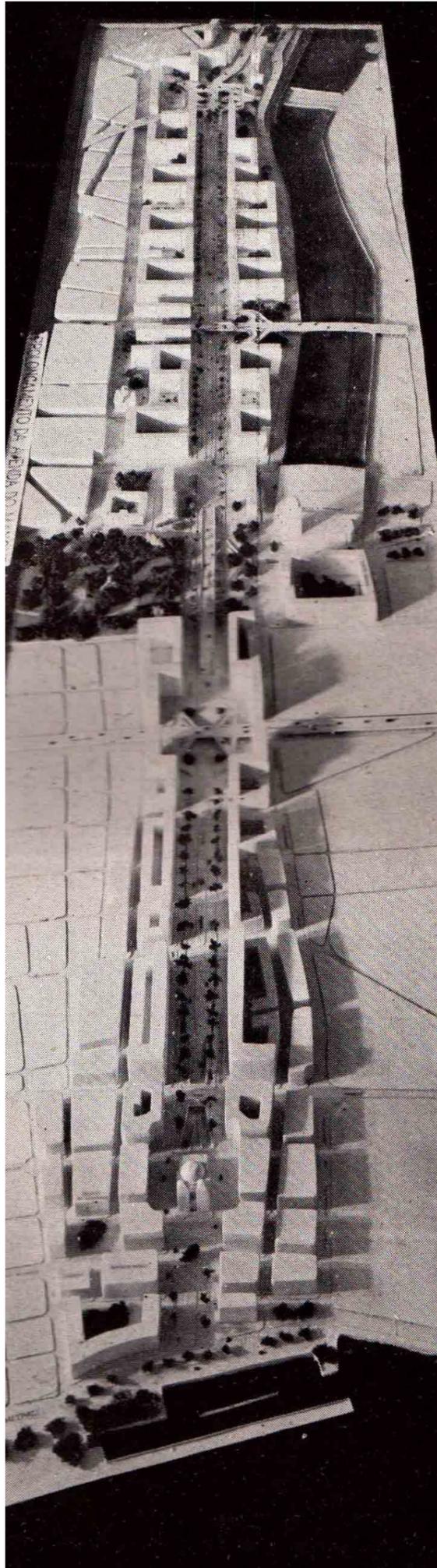
*Meu illustre commandante, -2
Na vossa argucia eu me fio,
Para dizer-me n'um instante:-x
Que faz Agache no Rio?*

O Malho, 1929.

Um dos focos do trabalho foi a intensa investigação dos discursos relacionados à discussão da urbe na capital. Podemos perceber que, até meados da década de 1920, o planejamento urbano estava atrelado aos planos melhoramentos, propostas muito pontuais e recortadas, e que nesse período cresce a demanda da elite política e econômica para a realização de um plano geral para cidade, buscando adaptá-la a um modelo europeu de civilização. Nesse sentido, a contratação de Agache buscava atender também a uma necessidade de reconstrução simbólica do Rio de Janeiro.

Foi extremamente potente e interessante investigar, catalogar e fazer a curadoria das reações à vida de Agache no Rio de Janeiro, seja em relação às suas palestras, seja em relação ao desenvolvimento do seu projeto, amplamente noticiado nos principais meios de comunicação. Se vemos grande aclamação da sua proposta, então sinônimo de modernidade nos moldes franceses, em igual medida houve críticas à sua política de demolição, às declarações preconceituosas em relação às favelas, ao caráter eurocêntrico do partido adotado e até mesmo acusações de plágio. Todas essas discussões nos levam a pensar que a sua presença movimentou várias forças que se voltaram para o futuro da metrópole, discutindo-a, dissecando-a, e favorecendo a consolidação da disciplina de Urbanismo no Rio de Janeiro.

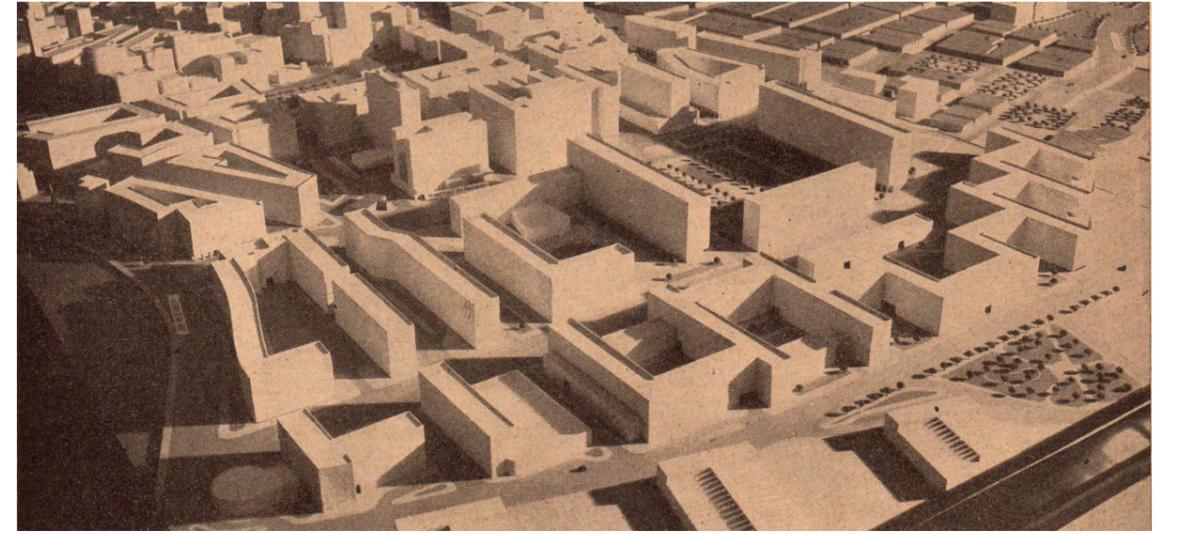




Podemos verificar influências nos projetos desse período. A segunda Comissão do Plano da Cidade, por exemplo, dá continuidade, apesar dos ajustes, a algumas das propostas de Agache, como a Av. Presidente Vargas (figura 1 - Rev. Municipal de Engenharia, 1938), e preserva as proporções de monumentalidade nas novas quadras da Esplanada do Castelo (figura 5- Rev. Municipal de Engenharia, 1944). Outros projetos elaborados no período também levam em consideração o Plano Agache, tomando-o como base (figuras 2, 3 e 4 - Rev. Municipal de Engenharia, 1939, 1938 e 1944), de modo que parâmetros como as linhas mestras do arruamento e, eventualmente, lógica de ocupação das quadras, são preservados.

Outra das entradas do trabalho foi a investigação das permanências do Plano Agache nos projetos urbanísticos elaborados nos anos subsequentes à sua publicação (1930-1945). Se compararmos o teor dos projetos no período anterior e posterior a 1930, perceberemos que a própria concepção do que vem a ser um plano urbano sofre considerável alteração, fortemente influenciada pela escola francesa de urbanismo. A dimensão normativa, com leis e estatutos, ganha protagonismo; se consolida uma estrutura que segue o esquema levantamento histórico - diagnóstico - proposição - legislação; por fim, a escala de aproximação do objeto se amplia.

Também verificam-se influências de caráter morfológico e tipológico. Alguns dos projetos se apropriam, *ipsis litteris*, das propostas



de Agache, sobretudo os projetos da segunda Comissão do Plano da Cidade, criada em 1937 na gestão de Henrique Dodsworth, que deu continuidade às lógicas de proporções de altura e monumentalidade das quadras. Mesmo as tipologias de influências modernistas, em função da difícil adaptação à cidade existente, sofreram ajustes que levam a marca do Urbanismo Formal.

Após a pesquisa, estou convencido de que o papel catalizador de discussões e projetos desempenhado por Alfred Agache no cenário urbanístico carioca é protagonista e por muito tempo foi relegado a um segundo plano por motivos que busco esclarecer ao longo do corpo do texto, esperando contribuir para o resgate de suas permanências.

